

De areia, blocos, ONGs e igrejas: o trabalho de reconstrução pós-furacão Matthew no departamento da Grand'Anse (Haiti)

Nadège Mézié

Pós-doutoranda, programa Capes-Print - FE/Unicamp

nagmezie@gmail.com

Nas encostas de colinas e montanhas, nos leitos de rios, nas periferias de Porto Príncipe e outras cidades, espalhadas por todo o território haitiano, encontram-se inúmeras pedreiras de diversos tipos e tamanhos. Com o terremoto de janeiro de 2010, essa atividade se intensificou para responder à demanda de areia para a reconstrução de casas e prédios destruídos pelo sismo. O mesmo aconteceu depois da passagem do furacão Matthew na região sudoeste do país, em 4 de outubro de 2016, que causou a morte de mais de 800 pessoas e a destruição de grande parte das casas, igrejas e escolas da região.

As fotografias aqui apresentadas, tiradas em março de 2017, retratam diferentes facetas dessa economia da reconstrução: o trabalho nas pedreiras, o transporte da areia e do pedregulho ali extraídos, a fabricação de blocos de cimento em pequenas fábricas artesanais e a atuação de ONGs que promovem programas de apoio à reconstrução. Elas foram tiradas durante uma estadia de dois meses no vilarejo de Mon Anvè, nas montanhas do departamento da Grand'Anse, onde venho pesquisando desde 2005 quando realizei meu trabalho de campo para o doutorado.

Pedreiras

A maioria das pedreiras no Haiti é explorada de forma artesanal, e muitas vezes ilegal¹. Nas pedreiras a céu aberto que observei no departamento da Grand'Anse, nenhum

1 Poucos realizam os procedimentos necessários para obter, junto à Secretaria de Minas e Energia, a permissão oficial de exploração de uma determinada pedreira. Além disso, esse órgão proíbe a exploração em diversos locais, mas essas proibições não são obedecidas.

maquinário é utilizado, somente picaretas e pás. Ali trabalham homens, sobretudo jovens, e algumas crianças. Esses meninos (trata-se de um trabalho exclusivamente masculino), em geral muito pobres e não raro órfãos, buscam o trabalho em pedreiras por iniciativa própria, o realizam praticamente sem supervisão adulta e imprimem o ritmo que eles mesmos determinam (Mézié 2018). Como os adultos, eles extraem o pedregulho sozinhos ou em parceria com colegas. Essa atividade pode ser a sua única fonte de renda ou se somar aos (pequenos) rendimentos obtidos com a cultura de roças ou algum outro trabalho. As crianças e os jovens que estudam não deixam de frequentar a escola para trabalhar e costumam utilizar uma parte do dinheiro ganho para pagar as mensalidades escolares (na região, a maioria das escolas são privadas e vinculadas à igreja católica ou a igrejas evangélicas ou pentecostais).

Uma vez extraídos das encostas, o pedregulho e a areia são levados até a beira da estrada mais próxima, por distâncias que variam de poucas centenas de metros até mais de 2 km, em baldes equilibrados sobre a cabeça. O material é então disposto em montes antes de serem vendidos: em 2017, os montes grandes, que enchem a caçamba de um pequeno caminhão, valem 800 Gourdes (aprox. 42 Reais) e os pequenos, que enchem menos da metade do mesmo tipo de caçamba, 350 Gourdes (aprox. 18 Reais)². De caminhão, os montes são transportados até pequenas fábricas de blocos de cimento.

Fábricas de blocos

Olsen (50 anos), que, com sua mulher, foram meus anfitriões entre 2005 e 2007, é o proprietário de um caminhão e de uma dessas fábricas em Mon Anvè. Depois da passagem do furacão Matthew, sua atividade comercial aumentou consideravelmente. Escolas, missões cristãs, ONGs, uma operadora de celular e particulares compraram milhares de blocos das mãos de Olsen. Em função da quantidade de trabalho, a fábrica emprega de três a dez homens. Em março de 2017, o filho de Olsen (18 anos), que tinha acabado de finalizar o ensino médio, dirigia o caminhão. Com três outros jovens, eles carregavam e faziam o transporte do pedregulho e areia. Dois deles eram remunerados em diárias e o acerto com o terceiro era que Olsen pagasse suas mensalidades escolares. Meninos, sempre por perto, ajudavam em diferentes tarefas e ganhavam algumas moedas. Olsen comprou a máquina de fabricar blocos graças à ajuda financeira de familiares morando na Flórida. Na região, como em todo o Haiti, as remessas da diáspora haitiana são fundamentais para a economia local (Audebert 2012: 147-158; Joseph 2015), e se tornam ainda mais decisivas

2 De acordo com a taxa de conversão da época. Para se ter uma ideia do que representam esses valores na economia local, em 2017, uma saca de 25 kg de arroz custava entre 1000 e 1200 Gourdes.

nos momentos pós-catástrofe (Orozco & Burgess 2011). Mas o motor da máquina sempre dava problemas e o trabalho parava, de alguns dias a semanas inteiras, o tempo de procurar as peças e de arranjar o dinheiro para comprá-las. O cimento, importado principalmente da República Dominicana³, era comprado na cidade de Okay, situada a duas horas de caminhão da fábrica. Ele era utilizado com parcimônia.

A água utilizada na fabricação dos blocos vinha dos reservatórios da missão evangélica vizinha, *The Torch*. Olsen foi um apoiador local da missão estadunidense desde a sua fundação no início dos anos 1990, por isso não pagava pela água. No momento da pesquisa, ele dormia numa das casas da missão, já que a sua tinha sido totalmente destruída pelo furacão. Seus filhos e sua esposa haviam se mudado para Porto-Príncipe há alguns anos e ele mesmo passava parte do ano na capital. Ali, a família vivia numa casa alugada enquanto Olsen trabalhava na fábrica de blocos para juntar o dinheiro necessário para construir uma nova casa na periferia da metrópole. Em 2019, a construção estava suficientemente avançada para que conseguissem se mudar para a casa própria.

Casas de bloco, ONGs e catástrofes naturais

Ter uma “casa de bloco⁴” é extremamente valorizado no Haiti. Durante anos, jovens adultos poupam, estocam sacos de cimento e blocos, aspirando a essa realização que marca a passagem à vida adulta e familiar (passagem cada vez mais adiada)⁵. Por isso, como em Moçambique (Archambault 2018), o cimento é investido de muitos sonhos já em tempos normais, e mais ainda nessas situações de intensa reconstrução. Antes do furacão Matthew, poucas famílias no vilarejo tinham uma casa de blocos. É dentro de uma delas que se refugiou uma centena de pessoas durante a passagem do furacão na localidade. Como disse um habitante, “Matthew quebrou tudo. Ele só perdoou as casas de bloco e teto de laje”. Para os moradores da região, o furacão foi “mais duro que o dia 12 de janeiro⁶”, fazendo referência ao terremoto de 2010.

3 Como acontece com tantos outros produtos, a produção nacional de cimento não consegue rivalizar com os preços do cimento da República Dominicana (<http://www.loophaiti.com/content/vente-de-ciment-haiti-rapporte-un-demi-milliard-de-dollars-la-rd>). As medidas neoliberais, sobretudo do programa de ajustamento estrutural defendido pelo FMI, aplicadas a partir do final dos anos 1980 no Haiti, e que nunca foram revistas, explicam a dependência do país às importações e a fraqueza da produção nacional em todos os setores, e especialmente o alimentar (McGowan 1997).

4 *Kay an blòk*, em crioulo haitiano.

5 Em todo Haiti, para poder se casar, um homem tem, idealmente, que poder oferecer uma casa à sua companheira. Cada vez mais, nas cidades como no interior, as construções desejadas e realizadas, aos poucos, são de blocos de cimento.

6 “Sa pli rèd ke 12 janvyè. Se selman kay dal li mande padon”.

As duas situações pós-catástrofe têm muitas semelhanças. A economia política internacional que se dá a ver é idêntica e, nos dois casos, a catástrofe natural é seguida de mal-entendidos, tensões, conflitos, convergências de interesse e divergências de expectativas, formando complexos agenciamentos de atores. Durante o furacão, e nas semanas que se seguiram, vizinhos, correligionários e parentes se ajudaram acolhendo pessoas desabrigadas, curando feridas, partilhando comida, fazendo dons de roupas e de produtos necessários para a construção de abrigos. Schuller, Gebrian e Lewis (2019: 273-274) observaram o mesmo em Jérémie e seu entorno, nas duas ocasiões (terremoto de 2010 e furacão de 2016). Bersani (2020) descreve detalhadamente os mecanismos dessa ajuda e solidariedade familiar e comunitária que permitiram aliviar o presente dos sobreviventes do terremoto. Em Mon Anvè, até Rosemène, a “louca do vilarejo” que costumava dormir ao relento, foi, durante certo tempo, acolhida⁷. Os pastores tentaram rapidamente obter recursos de igrejas da capital e captar a atenção de missões estrangeiras e de ONGs confessionais, como veremos abaixo. Essa dinâmica de ajuda mútua não fez desaparecer as transações comerciais (venda de baldes de água, de produtos alimentares e de novos produtos que entraram no circuito comercial, como lonas, pequenas ferramentas e produtos alimentares doados por ONGs ou organizações multilaterais). Não impediu também a criação de uma rede de “contrabando”, composta de mediadores, comerciantes e clientes comprando e vendendo vales (vale-sementes, vale-mudas ou vale-ferramentas) doados pela USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional). A ajuda comunitária e as transações comerciais integraram rapidamente os recursos ofertados pelas doações internacionais.

Nas montanhas da Grand’Anse, a presença do Estado é mínima. A reconstrução pós-Matthew se deu, portanto, na ausência dele. Essa magra atuação do Estado nas regiões interioranas do país, que fica ainda mais visível em períodos de crise, abre portas para a intensa atuação de ONGs e igrejas, reforçando de maneira perversa a “retração da soberania do Estado”,-como também observou Piot (2010: 11), referindo-se a diversos estados pós-coloniais na África, e ao Togo em particular. Vale lembrar que diversas dessas organizações multilaterais e não governamentais desconsideram e contornam sistematicamente os agentes estatais haitianos, considerados corruptos e ineficientes. A gestão das catástrofes naturais e de suas consequências no Haiti revela, assim, uma forma extrema da política humanitária neoliberal contemporânea, o que Michel Agier chamou de “governo humanitário” (Agier 2008), na qual as ONGs têm um papel central na governança

7 Quando veio o momento de definir quem receberia a ajuda ofertada por uma ONG para a reconstrução (ver abaixo no texto), alguns defenderam o direito de Rosemène a ter uma casa. Outros não viam o porquê dela ter agora um teto, se toda sua vida tinha vivido sem.

global e a maioria da ajuda internacional não passa por órgãos do Estado e nem mesmo por organizações multilaterais, mas pelas organizações privadas não governamentais. No Haiti, “esse ‘governo humanitário’, constituído pelas forças transnacionais ali presentes (as milhares de ONGs, os serviços de cooperação das embaixadas, a ONU e a Minustah, acumula um orçamento dez vezes superior àquele do Estado e dispõem, assim, de uma capacidade logística, econômica e política bem superior à do Estado haitiano” (Heine & Verlin 2014: 17). Diz-se com frequência do Haiti que o país é “a república das ONGS”. Após o terremoto, segundo Hurbon (2014) e Schuller (2012), havia aproximadamente 10 mil ONGs atuando no país. Para Schuller (op. cit.), o Haiti tem a maior densidade dessas organizações per capita no mundo.

Em 2016, nas localidades rurais onde trabalhei, onde vivem aproximadamente 12 mil pessoas⁸, as intervenções de urgência de diferentes organizações se focalizaram na distribuição de alimentos e de lonas para fazer abrigos temporários. Cem famílias receberam da CARE (Cooperative for Assistance and Relief Everywhere), durante um mês, um pacote incluindo arroz, óleo e leite em pó. A USAID e a ACNUR distribuíram dezenas de milhares de lonas em toda a região.

Quem merece um teto?

Quando cheguei à região, quatro meses depois da passagem do furacão, dois novos programas de reconstrução estavam em fase de implementação. A missão evangélica local, *The Torch*, tinha construído 15 casas (de bloco e telhado de zinco) aos seus mais necessitados fiéis e se propunha a entregar 50 casas nos próximos meses. Os blocos de cimento usados na construção vinham da fábrica de Olsen. Já a ONG evangélica norte-americana *World Renew*, contatada por um pastor local, se dispôs a ajudar um pouco mais de 600 famílias na reconstrução do teto de suas casas, com um programa que ficou conhecido como *Tèt Kay* (Cabeça de casa)⁹. Essas famílias receberiam telhas de zinco, pregos, tábuas de madeira e um apoio técnico para o feitiço do telhado. Determinar quais seriam as famílias beneficiadas, aquelas consideradas como as mais necessitadas, foi a primeira etapa. A equipe haitiana do programa, composta por um agrônomo e um técnico de construção civil, se apoiou nas lideranças evangélicas e pentecostais da região. Nessas localidades, a paisagem religiosa se modificou profundamente nas últimas três décadas: o protestantismo evangélico e pentecostal cresceu de forma exponencial e contribuiu para

8 De acordo com os dados do Instituto haitiano de Estatística e Informática (IHSI).

9 O nome oficial do programa era “Pwogram Reparasyon ak Ranfòsman Kay (Programa de conserto e consolidação de casas)”.

a redução significativa dos *ounfò* (templos vodu). Os técnicos da *World Renew* trabalharam em particular com pastor Laurent, que os trouxe até ali. Líder de uma pequena igreja pentecostal, pastor Laurent é conhecido por todos (evangélicos ou não) como uma pessoa extremamente dedicada e de grande honestidade. Juntos, eles dividiram a área total em cinco “setores” e, para cada setor, um representante deveria ser eleito para fazer a interface entre a população e a ONG, e levar as reclamações à equipe. As eleições dos representantes aconteceram em diferentes igrejas e foram muitos, homens e mulheres, a participar, tanto evangélicos quanto católicos e/ou afiliados ao vodu. Cada candidato apresentou a maneira com a qual ele pretendia servir a população (“não estou aqui para eu conseguir uma casa para minha família, mas sim para ajudar os que mais precisam¹⁰”, falou por exemplo um candidato). Os candidatos pastores receberam, na maioria dos setores, mais votos.

Nas reuniões e eleições, a participação de mulheres, como de homens, foi vivaz e animada. Falas, risos, piadas, protestos e brigas acompanharam ou atrapalharam o desenrolar dos encontros. Ao lado dos técnicos haitianos contratados pela *World Renew*, os líderes evangélicos e outras pessoas conhecidas por serem *gran palè* (bons falantes) tentaram disciplinar a participação e obter o silêncio (“mas não é possível, vocês não sabem que estão numa igreja!¹¹” recordou à assistência um desses *gran palè* quando o barulho das vozes impedia de ouvir o agrônomo). Na saída dos encontros, as conversas se prolongavam na rua e na frente da igreja. As pessoas mostravam uma certa impaciência em relação ao desenrolar do programa e, desgostosos ou às vezes irritados, diziam estar convencidos de que não se enquadrariam no “perfil” dos beneficiários. Havia suspeitas de que alguns teriam mentido para tornar o seu caso mais dramático e então mais apelativo para a ONG. Outra coisa que deixava as pessoas perplexas era a condição que a *World Renew* impunha para integrar o programa: para receber o “kit teto”, o potencial beneficiário devia se comprometer a construir ou reconstruir sua casa, num período de dois meses, usando blocos de cimento e barras de aço nas fundações e paredes. Sem ajuda nenhuma, quem conseguira juntar o dinheiro necessário (que não é pouco) para cumprir tal condição?

Passadas as eleições para representantes de setor, a etapa seguinte foi justamente a da seleção das famílias que se beneficiariam da assistência. Os técnicos da ONG, acompanhados de pastor Laurent, convocaram as pessoas de cada setor até as igrejas locais para virem responder a um questionário. A resposta dada a cada questão (sobre o número de pessoas morando na casa, o número de crianças e de idosos, se houve algum ferido ou morto durante o furacão, quantas telhas de zinco precisa etc.), conferia um certo

10 “Mwen isit avek nou, se pa pou m’jwenn yon kay pou fanmi mwen non, mwen isit avek nou paske mwen vle ede nou, ede saki plis bezwen”.

11 “Aben, nou pa konnen se nan yon legliz nou ye”.

número de pontos a cada potencial beneficiário. Receosas de “perder” a oportunidade de responder ao questionário, as pessoas chegavam de madrugada nas igrejas. Vinham sobretudo mulheres com bebês de colo, idosos com bengala, homens com deficiência. A estratégia adotada por muitas famílias foi de enviar os que eram percebidos como os mais vulneráveis para tentar obter a compaixão dos técnicos. Estes, no entanto, davam sinais de entender o que estava acontecendo (a uma mulher com um recém-nascido nos braços, o técnico de construção civil disse “não precisava vir com ele¹²...”; a uma senhora de idade quase cega perguntou, “porque foi você que veio?¹³”). Outros moradores, que não tinham atributos de vulnerabilidade visíveis, também perceberam o movimento e reagiam dizendo aos técnicos e ao pastor Laurent: “Eu tenho também um bebê, mas ficou em casa com a minha mãe¹⁴”. Quando deixei a região, em março de 2017, a *Word Renew* continuou seu processo seletivo. Em julho de 2020, por Whatsapp, pastor Laurent me atualizou sobre os resultados do programa. Ele me explicou que a *World Renew*, com quem ele continua colaborando, cumpriu o que havia prometido. Ergueu, sob os escombros de casas destruídas, telhados de zinco sob pilares. Como previsto, coube aos beneficiários construir as paredes, o que poucos conseguiram fazer. Segundo um amigo, cunhado de Olsen, a maioria vive ainda nos abrigos construídos logo após o furacão, e os telhados-sem-parede estão também vazios de moradores. Outros improvisaram paredes de lona ou com outras telhas de zinco. Uma minoria terminou sua construção, muitas vezes graças às remessas da diáspora. Como lembrou o pastor, “Irmã Nadège, você sabe, todos os dedos da mão não têm o mesmo comprimento...¹⁵”.

A reconstrução, no Haiti como em outros países subdesenvolvidos, consiste, antes de mais nada, num processo de autoconstrução sem fim, sempre em andamento, sempre contornando a escassez de recursos, na esperança de novos recursos, numa espera (os sacos de cimento aqui num cantinho) repleta de paradas e retomadas. Um processo que materializa as aspirações e as frustrações, o desespero e os desejos de transformação (para si, para sua família, para sua comunidade).

12 “Ou pat bezwen vin ave’l”.

13 “Sa ou ap fè la?”.

14 “Mwen geyen yon ti bebe, mwen kite’l nan men maman’m”.

15 “Sè Nadège, ou konnen, tout dwèt pa mèm longuè nan men an”.

Referências:

- AGIER, Michel. 2008. *Gérer les indésirables. Des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire*. Paris: Flammarion.
- ARCHAMBAULT, Julie Soleil. 2018. "‘One beer, one block’: concrete aspiration and the stuff of transformation in a Mozambican suburb". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 24: 692-708.
- AUDEBERT, Cédric. 2012. *La diaspora haïtienne. Territoires migratoires et réseaux transnationaux*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- BERSANI, Ana Elisa de Figueiredo. 2020. "(Extra)ordinary help: untold stories on disaster and generosity in Grand’Anse, Haiti". *Vibrant*, 17: 1-20.
- HEINE, Jorge; VERLIN, Jan. 2014. "Modes de gouvernement en Haïti après le séisme de 2010". *Cahiers des Amériques latines*, 75: 15-24.
- HURBON, Laënnec. 2014. "L’État haïtien face à la catastrophe du 12 janvier 2010". In: L. Hurbon (ed.), *Catastrophes et environnement. Haïti, séisme du 12 janvier 2010*. Paris: Éditions de l’EHESS. pp.219-241.
- JOSEPH, Handerson. 2015. "Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas". *Horizontes Antropológicos*, 21(43): 51-78.
- MCGOWAN, Lisa. 1997. "Democracy undermined, economic justice denied: structural adjustment and the aid juggernaut in Haiti", *The Development Group for Alternatives Policies*. Online: http://www.developmentgap.org/uploads/2/1/3/7/21375820/democracy_undermined.pdf
- MÉZIÉ, Nadège. 2018. "Da areia ao gado: meninos empreendedores rurais no Haiti". *Civitas*, 2(2): 431-453.
- OROZCO, Manuel; BURGESS, Elisabeth. 2011. "Amidst Shared Hardship: Haitian Transnational Migrants and Remittances". *Journal of Black Studies*, 42(2): 225-246.
- PIOT, Charles. 2010. *Nostalgia for the Future: West Africa after the Cold War*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SCHULLER, Mark. 2012. *Killing with Kindness: Haiti, International Aid and NGOs*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- SCHULLER, Mark; GEBRIAN, Bette; LEWIS, Judy. 2019. "‘Yon Lòt Ayiti Posib’: Glimmers of Another Haiti Following the 2010 Earthquake and 2016 Hurricane Matthew". *Human Organization*, 78(4): 267-277.

Recebido em 31 de março de 2019.

Aprovado em 11 de julho de 2020.



01

Casa inteiramente destruída com a passagem do furacão Matthew.
Ali moravam Madan Kiba, sua filha de 18 anos e um sobrinho.



02

Abrigo onde passou a morar a família da casa retratada na fotografia anterior.

03



Jovem trabalhando numa pedreira.



04

Meninos trabalhando numa pedreira em associação.



05

Meninos fazem uma pausa no trabalho cantando e tocando musicais locais. Fora da pedreira, eles têm uma banda. Seus apelidos: DJ John, Mix Désir e Mix Fednel.



06

Levando areia até a beira da estrada.



07

Jovens enchendo o caminhão com areia e pedregulho. Alguns trabalham na fábrica de blocos, outros na pedreira.



08

Caminhão de Olsen, proprietário da fábrica de blocos, transportando areia e pedregulho.



09

A fábrica de blocos.



10

A máquina (prensa) que produz os blocos, a partir de pouco cimento e muita areia.



11

Jovens carregando blocos recém feitos. Ao fundo, a escola da missão *The Torch*.



12

Casas construídas pela missão *The Torch*.



13

A assembleia escuta a apresentação dos candidatos a representante junto à ONG *World Renew*.



14

Mulher murmura o seu voto ao pastor Laurent.



15

Oração antes do início de uma reunião da *World Renew*.

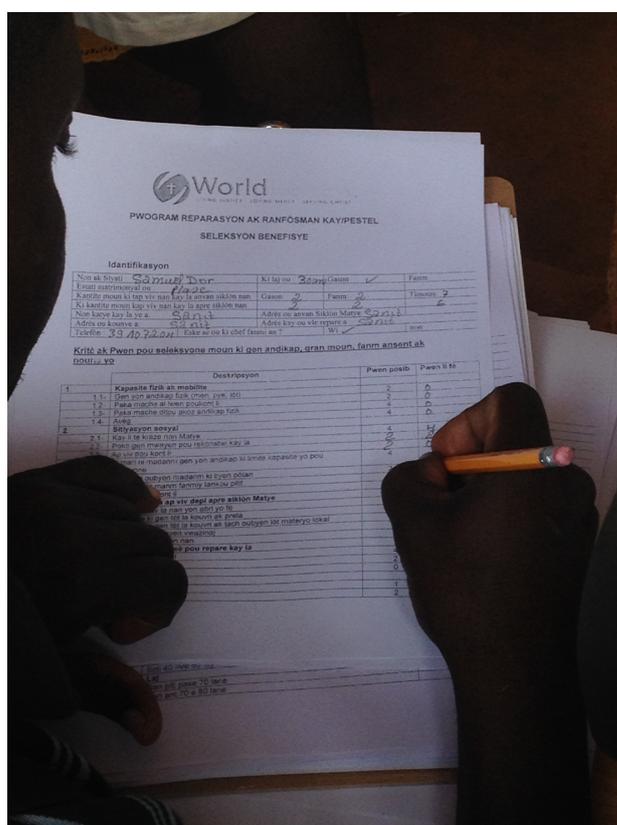


Durante a reunião, pessoas levantam a mão para permitir que os organizadores contem quantos homens e quantas mulheres estão presentes por localidade.



17

Segurando lápis e prancheta, o técnico da ONG aplicando questionário que permitirá definir quem receberá ajuda.



18

Pastor Laurent preenchendo o mesmo questionário (e atribuindo os pontos relativos a cada resposta) junto a um outro potencial beneficiário.